

## SOBRE A POSITIVIDADE TEÓRICA DO CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL: A PERDA DA SUA DIMENSÃO CRÍTICA

Cleudson de Jesus Rocha

---

### Resumo:

É propósito deste trabalho expor os fundamentos filosóficos do conceito de *Indústria Cultural*, indicando brevemente suas características principais, a fim de resgatar o sentido original desenvolvido por Adorno e Horkheimer, autores frankfurtianos, inscritos na tradição crítica do Instituto de Investigação Social, encarregada de investigar as contradições e os antagonismos de diversos fenômenos da realidade social do capitalismo tardio. Indicaremos circunstâncias da gênese da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica, apontando a controvérsia fundamental entre esta e a teoria tradicional. Em seguida apontaremos que no livro *Dialética do Esclarecimento* (1944) onde aparece pela primeira vez o conceito de *Indústria Cultural*, o conhecimento é tratado como equivalente à racionalidade instrumental, destinada a instituir formas de dominação da natureza e do homem. Finalizamos discutindo a perspectiva de Adorno e Horkheimer para quem o esclarecimento se converte na total mistificação das massas, sendo a *Indústria Cultural* uma das faces do esclarecimento que se apresenta como um engodo, como uma espécie de novo mito. O método utilizado é o bibliográfico e a fundamentação teórica apoia-se na obra inicial e Adorno e Horkheimer (1985).

**Palavras-chave:** 1. Indústria Cultural. 2. Racionalidade Instrumental. 3. Adorno e Horkheimer.

---

### ABOUT THE THEORETICAL POSITIVITY OF THE CULTURAL INDUSTRY CONCEPT: THE LOSS OF ITS CRITICAL DIMENSION

**ABSTRACT:** The purpose of this work is to expose the philosophical foundations of the concept of Cultural Industry, briefly indicating its main characteristics, in order to rescue the original meaning developed by Adorno and Horkheimer, frankfurtian authors, enrolled in the critical tradition of the Social Research Institute, in charge of investigate the contradictions and antagonisms of different phenomena of the social reality of late capitalism. We will indicate circumstances of the genesis of the Frankfurt School and Critical Theory, pointing out the fundamental controversy between this and traditional theory. Afterwards we will point out that in the book *Dialectic of Enlightenment* (1944), where the concept of Cultural Industry appears for the first time, the knowledge is treated as equivalent to instrumental rationality, destined to institute forms of domination of nature and man. We conclude by discussing the perspective of Adorno and Horkheimer for whom enlightenment becomes the total mystification of the masses, with the Cultural Industry being one of the faces of enlightenment that presents itself as a decoy, as a kind of new myth. The method used is the bibliographic and the theoretical foundation is based on the initial work and Adorno and Horkheimer (1985).

**Keywords:** 1. Cultural Industry. 2. Instrumental Rationality. 3. Adorno and Horkheimer.

---

## Introdução

O conceito de Indústria Cultural apareceu pela primeira vez em 1944, com a publicação do livro *Dialética do Esclarecimento*, escrita a quatro mãos por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. O conceito, portanto, completa, neste ano de 2020, 76 anos, razão pela qual alguém poderia perguntar qual o propósito de se buscar recuperar o sentido originário do conceito de *Indústria Cultural*, cuja origem o coloca como um conceito negativo, com um sentido crítico, provocando espanto desde sua gênese. Acontece que hoje a expressão *Indústria Cultural* parece ter se convertido em um termo batido, trivial, virando uma espécie de clichê inofensivo dos cadernos culturais. O termo se positivou e com isso perdeu a sua especificidade teórica. Quer dizer: usamos hoje o termo indústria cultural para indicar um setor empresarial, entre outros. Por isso vale à pena dar um exemplo concreto do sentido comumente difundido de *Indústria Cultural*, dado por um comentador de Adorno.

Um artigo preparado pelo governo chinês para a Organização Mundial do Comércio, há pouco tempo atrás, tratava do estado da indústria cultural na China. Nesse artigo, lemos a seguinte passagem: “A China tem testemunhado um enorme desenvolvimento de sua indústria cultural desde os anos de 1990. Todavia, a indústria cultural na China ainda é muito incipiente se comparada com a dos países desenvolvidos.” (*Documento do Governo Chinês enviado a OMC em 2009, citado por Hullot-Kenttor, 2011, p. 125*) O artigo indicava então os desafios e as providências necessárias para superar este atraso. Vemos assim que incentivar a indústria cultural virou sinônimo de progresso. Artigos como este demonstram o quanto se perdeu da dimensão crítica implícita à obra de Adorno e Horkheimer, escrita em 1944, durante o exílio desses dois autores em Nova York.

Na década de 1940, quando o livro *Dialética do Esclarecimento* foi publicado, a expressão *indústria cultural* causava muito estranhamento, funcionando como uma espécie de provocação conceitual que pretendia chamar atenção para uma mudança histórica e profunda nos esquemas de percepção da realidade, na forma como os sentidos informam sobre as coisas e sobre o mundo. A expressão “*Indústria Cultural*”, assim, está longe de ser uma expressão evidente, pois ela contém em si uma contradição: falar de *Indústria Cultural* seria como falar de fogo frio, ou anão gigante, ou audácia humilde, ou

círculo quadrado, pois trata-se da junção de cultura e indústria e essa aglutinação produz um antagonismo visível.

Historicamente o conceito de **cultura** pressupõe um espaço de elaboração de novas formas de consciências e de sensibilização desvinculadas dos propósitos práticos/operacionais ou ligados a ideia de utilidade. Principalmente a ideia de cultura evoca um campo de manifestação da liberdade humana, como aquilo que surge da vontade de suspender os propósitos mais imediatos da nossa experiência em função da criação de algo eminentemente livre do âmbito da utilidade prática mais imediata, distante das imposições da esfera do trabalho, ou seja, como aquilo que escapa de todos os padrões, principalmente os que definem o sentido de eficiência na prática cotidiana. Pensemos nas obras de arte, cuja produção pressupõe tempo e distanciamento do burburinho da vida do trabalho, da vida prática. Essa noção de cultura posiciona-se, assim, justamente do lado oposto a noção de indústria, que denota a ideia de coerção, de obrigação voltada necessariamente à produção, sendo dona de uma racionalidade complexa, orientada por padrões de eficiência.

A noção de **indústria** concebida no século XVII remete a uma divisão sistemática do trabalho, a uma subordinação rígida, o que implica, portanto, excluir tudo aquilo que não tenha um propósito direto de responder a demandas do capital, que não tenha uma utilidade imediata. Falar de *indústria cultural*, então, implica, a princípio, uma contradição, pois seria como tratar a cultura como um setor industrial, entre outros, do mesmo modo como falamos de indústria eletrônica, ou indústria petrolífera. Caracterizar a cultura como uma esfera comercial, vinculada a interesses financeiros e à mesma lógica da produção de itens de consumo objetivo, sinaliza, para Adorno e Horkheimer, a materialização de um fenômeno específico da sociedade do capitalismo tardio, com potencial de provocar à regressão da consciência individual e até mesmo a produção sistemática da barbárie.

É propósito deste trabalho expor os fundamentos filosóficos do conceito adorniano de *Indústria Cultural* e depois indicar brevemente as características principais desse conceito, resgatando o sentido original desenvolvido por Adorno e Horkheimer. A formação deste conceito encontra-se profundamente ligado à articulação entre o idealismo alemão, principalmente a filosofia de Kant e o materialismo histórico. Perceber

o modo como esse conceito se inscreve no quadro mais amplo da reflexão na Teoria Crítica é propósito secundário deste artigo.

### **Gênese da Escola de Frankfurt e da teoria crítica**

Antes de tratar especificamente do conceito, apresento alguns comentários sobre a chamada Escola de Frankfurt, cuja inscrição no panorama filosófico aparece por volta dos anos 1950. É uma expressão um pouco vaga, imprecisa, e muitos especialistas no pensamento de Adorno e Horkheimer são enfáticos em dizer que não existiu propriamente uma escola, ou seja, um direcionamento filosófico claro, com corpo estável de proposições teóricas. A expressão Escola de Frankfurt seria, assim, uma etiqueta, um rótulo, que serviria para situar, na história da filosofia, um conjunto de pensadores alemães, influenciados por Hegel, Freud e principalmente Marx, reunidos no Instituto de Pesquisas Sociais, que servia para analisar as contradições e os antagonismos de diversos fenômenos da realidade social, desde as últimas modas da filosofia europeia até fenômenos como a música de massa.

A expressão Escola de Frankfurt indicaria, assim, esse posicionamento teórico comum, uma espécie de insatisfação provocada por um momento histórico que apontava tanto para a crise da razão, sobretudo com o assim chamado declínio do pensamento e das filosofias da subjetividade, por um lado, quanto por uma crise da política, com a ascensão da barbárie do fascismo, do totalitarismo soviético e a expansão da cultura de massas nos Estados Unidos. Pode-se dizer, assim, que a certidão de nascimento da Escola de Frankfurt é o discurso inaugural de Max Horkheimer quando assumiu a direção do Instituto de Pesquisas Sociais em 1930. Esse Instituto de Pesquisas Sociais já existia antes, pois ele tinha sido criado em 1923, por iniciativa de Félix Weil (1898-1975) – que era um argentino, nascido em Buenos Aires, filho de um milionário alemão, criador de gado e distribuidor de cereais na Argentina. Felix Weil viajou à Alemanha, um pouco antes da primeira guerra, ainda nos anos 1920, para estudar economia e ciências sociais e pouco depois teve a ideia de criar um Centro de Pesquisas Econômicas, que tinha como base teórico-metodológica a teoria o materialismo histórico-filosófico de Marx. Entre os anos de 1923-1930, ou seja, até a ascensão de Horkheimer ao posto de diretor do Instituto, as pesquisas privilegiavam estudos voltados a aspectos econômicos da realidade social. Essas primeiras análises do Instituto diziam respeito, por exemplo, a característica da

ascensão do capitalismo na Alemanha, ou a história do movimentos operário, ou estudos de planejamento econômico. Nesse período o Instituto se interessava pela análise da infraestrutura, da base socioeconômica da sociedade.

Após esse período, o Instituto passou a se interessar em estudar as condições socioculturais do capitalismo tardio, investigando os esquemas de dominação modernos estruturados com os componentes próprios da ciência e da técnica. Esse giro de perspectiva teórica foi indispensável para que o próprio conceito de *Indústria Cultural* pudesse aparecer. É importante lembrar que o Instituto tinha por missão formalizar as discussões em torno do marxismo implementado pelo Partido Comunista na Rússia e na Alemanha. Ou seja, interessava ao corpo crítico pontuar a estreiteza dos ideólogos comunistas, posicionando-se contra uma tendência excessivamente determinista, mecânica, do materialismo histórico de Lênin. Eram pensadores que não tinham uma filiação com o partido. Horkheimer e Adorno diziam que o pensamento de Marx, quando reduzido a uma estratégia política inflexível, ou seja, enrijecida, acabava se degenerando, tornava-se ideologia, quer dizer, ficava distante do próprio método reflexivo de Marx. Chamavam esse fenômeno de esclerose do marxismo, em função da transformação do pensamento de Marx num corpo de verdades absolutas, em uma teoria do conhecimento já acabada, com pretensão de explicar toda a realidade. Do mesmo modo, já nos anos 30, eles desconfiavam do potencial revolucionário e de emancipação social do proletariado na União Soviética. Vale lembrar, aqui, que a recusa do marxismo como doutrina oficial do partido comunista não significava abandonar o marxismo como teoria social. Para Horkheimer e Adorno, o marxismo era um método, não era um sistema metafísico, e a dialética pertence ao núcleo desse método. Diversos conceitos do marxismo como “estrutura geral da forma mercadoria”, “fetichismo”, “reificação”, “ideologia”, “dominação da natureza” – serão decisivos para o trabalho do Adorno, em especial para a concepção de Indústria Cultural.

### **Teoria tradicional x Teoria crítica**

A postura da Teoria Crítica está resumida de maneira mais clara no conhecido ensaio que Horkheimer publicou em 1937, intitulado Teoria Tradicional e Teoria Crítica (traduzido na *Coleção Os Pensadores* em 1975). Para Horkheimer, a teoria tradicional organiza a experiência em um sistema de disciplinas de tal modo que, com seu

aperfeiçoamento contínuo, esse sistema tornaria previsível todo e qualquer dado da experiência, ou seja, na teoria tradicional existiria uma identidade entre totalidade do conhecimento e totalidade da experiência. Ela parte da formulação de princípios gerais, que seriam internamente coerentes, para, então, descrever o mundo. E opera através do registro, da classificação de fatos, de regra de dedução. É um tipo de conhecimento puro, que separa o pensamento da ação, e que tira seu modelo da matemática. Para Horkheimer, a teoria tradicional favorece um tipo específico de racionalidade, que é a racionalidade instrumental, ou seja, uma racionalidade voltada para a dominação da natureza, a serviço da técnica e da ciência, mas que também se volta para a dominação social. Então, em nome de uma suposta neutralidade da ciência e da técnica, a teoria tradicional não se ocupa com as implicações morais do conhecimento. Esse paradigma matemático, na visão de Horkheimer, prevaleceu na história da filosofia, nas ciências humanas, em geral.

A teoria crítica, por sua vez, deveria contestar certos pressupostos da teoria tradicional, sendo um tipo de conhecimento que reage às contradições da totalidade social, uma totalidade baseada na prevalência da forma mercadoria em todas as esferas de interação social, mesmo na ciência, na filosofia e na cultura. Por isso a Teoria Crítica não deve assumir um comportamento neutro diante da confrontação com a ciência tradicional, e mesmo com a cultura. Ela deseja construir uma nova figura da racionalidade, uma racionalidade que não mais separe o sujeito da moral e o sujeito do conhecimento, que não separe a ação do pensamento. Isso porque o pesquisador, segundo Horkheimer, nunca tem um ponto de vista neutro. Ele não só participa da construção teórica do seu objeto de análise, como também, a sua própria percepção está mediada por categorias sociais. Então, para a Teoria Crítica, a verdade não é imutável, como na matemática, mas possui um núcleo temporal. Isso não quer dizer um relativismo da verdade. Essa dicotomia – relativismo *versus* absolutismo da verdade – para Horkheimer é uma falsa dicotomia. A noção de verdade para ele é aquilo que realiza mudança social em direção a uma sociedade emancipada, uma sociedade efetivamente racional. Daí porque a Teoria Crítica não possui um corpo estável de proposições e de princípios gerais, pois faz parte do pensamento crítico a sua própria superação.

As principais consequências da atitude teórica da teoria crítica advém do enfrentamento dos pressupostos científicos da Teoria Tradicional, pois isso levou os pensadores da Escola de Frankfurt a negar, por exemplo, uma noção positivista e linear de progresso. Eles rejeitavam um conceito de história como progresso, rompendo, nesse

ponto, tanto com Hegel, quanto com Marx. Adorno, por exemplo, afirmou que não existe uma linha reta, uma história universal, que nos conduza da barbárie à civilização, mas existe sim, uma linha reta que nos conduz do estilingue à bomba nuclear. A história da humanidade é, assim, a história da dominação de grupos. Acontece que os equipamentos de dominação ganham sofisticação com os avanços da ciência e da técnica, e dessa maneira, ganham eficiência em aprisionar e manipular grupos. Ou seja, o progresso científico não significa necessariamente progresso social da humanidade. A dominação instrumental da natureza implica também o desenvolvimento de processos de dominação social dos homens entre si. Esse é o ponto fundamental da Teoria Crítica: o diagnóstico de que o capitalismo tardio elaborou formas para o retorno à barbárie, tendo como principal consequência, à indiferença social. A barbárie reclamada por Adorno e Horkheimer situa-se historicamente, como o principal mal que a humanidade foi capaz de produzir contra si mesma: o nazismo e o fascismo - que foram indicadores históricos catastróficos, que sinalizam todo o descompasso entre o avanço da técnica e da ciência e a versão mais perversa das invenções humanas: a implementação do nazismo e suas estratégias de matar pessoas.

Essas considerações de Horkheimer no ensaio Teoria Tradicional e Teoria Crítica estão na base do livro *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer. Pode-se dizer que esse livro é o resultado mais impressionante do projeto da Teoria Crítica, assim como é também um dos livros mais importantes de filosofia do século XX, que até hoje nos causa perplexidade, seja pelo estilo da escrita, pela organização interna das seções/temas, seja pela abordagem inédita de problemas clássicos da história da filosofia. Esse livro foi escrito durante a segunda guerra; ele apareceu pela primeira vez em 1944 em uma versão mimeografada e foi distribuído entre as pessoas mais próximas do Instituto de Investigação Social, que na época desenvolviam suas pesquisas nos Estados Unidos por causa do exílio desses intelectuais da Alemanha nazista. Ele só foi publicado em 1947 por uma pequena editora holandesa. É nesse livro que o conceito de Indústria Cultural aparece pela primeira vez e é desenvolvido plenamente, num ensaio intitulado: *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*.

No que se refere a organização geral do livro pode-se dizer que apesar de sua escrita bastante fragmentária, complexa, de uma sintaxe pouco comum, mesmo para os padrões da escrita filosófica e traz como principal objetivo “descobrir por que a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando

em uma nova espécie de barbárie” (1985, p. 11), se estrutura da seguinte forma: primeiro, destaca as origens da filosofia como esclarecimento, ou seja, a contraposição de um pensamento racional (esclarecido, portanto), em oposição ao mito; segundo lugar, apresenta as razões morais e éticas do esclarecimento por meio de um excuro sobre moral em Kant e o Marquês de Sade e por último, traz também uma discussão sobre o Antissemitismo, e, por fim, o capítulo sobre a *Indústria Cultural*, que articula as implicações do esclarecimento no âmbito da estética, da arte, das atividades culturais de modo geral, delineando como o progresso técnico define e massifica a forma de relacionamento com os produtos culturais e, principalmente, como o esclarecimento, impresso nas formas modernas de divulgação dos produtos culturais, interfere na forma de relacionamento com o mundo e com a sociedade.

Alguém que pretendesse resumir o objetivo do livro *Dialética do Esclarecimento* encontraria uma resposta logo no prefácio. Adorno e Horkheimer afirmam, como dissemos acima, que o propósito do livro é, simplesmente, descobrir porque a humanidade está se afundando numa espécie de barbárie. Por isso vale à pena lembrar que o livro foi escrito por dois alemães judeus, no exílio, nos Estados Unidos, durante a segunda guerra mundial. Isso justificaria, em certa medida, o pessimismo, o tom que atravessa o livro.

Existem duas ideias centrais que são trabalhadas ao longo do livro, que dizem respeito a própria origem da filosofia e do saber científico. Em primeiro lugar, para Adorno e Horkheimer, a primeira tese é: *o mito já é esclarecimento*. Isso quer dizer que a origem do esclarecimento não está na origem do saber filosófico, da filosofia, que é geralmente definida como uma tentativa de superação da razão em relação ao mito ou como uma oposição racional às explicações elementares sobre os fenômenos naturais. Segundo Adorno e Horkheimer, os mitos já seriam uma forma arcaica de esclarecimento. A segunda tese central – que deveria ser compreendida em conjunto com a primeira – é a de que *a razão filosófica e científica*, ou seja, o pensamento esclarecido (esclarecimento), *acabou por se converter em uma nova mitologia* e se degenerou em uma forma brutal de dominação social. Daí que a *Dialética do Esclarecimento*, ou seja, a inversão da razão em mito, significaria uma autodestruição do esclarecimento ou a realização do inverso de suas promessas civilizatórias, que eram, desde o início, a felicidade e a liberdade social.

Diante desses objetivos que fundamentam o livro *Dialética do Esclarecimento* vale lembrar, em primeiro lugar, que a filosofia e a ciência nasceram como formas de pensamento que visavam emancipar a humanidade dos poderes do mito, das explicações divinas. Então, grosso modo, o mito é uma forma de compreender as forças da natureza como manifestação da vontade dos deuses. Contrariamente, razão (ou o esclarecimento) tinha por objetivo livrar os homens do medo e colocá-los na posição de senhores. O medo primordial que os homens sentiam era da natureza, que se apresentava como ameaçadora e por isso precisava ser controlada, dominada pelo desenvolvimento de uma racionalidade científica e filosófica capaz de permitir-lhes livrar-se das feitiçarias, das explicações mitológicas, religiosas, a respeito dos fenômenos da realidade, permitindo um conhecimento com fundamentos seguros e universais.

Desde o racionalismo do século XVII com Descartes, mas principalmente a partir do Iluminismo, prevalecia a ideia de uma separação radical entre razão e mito. É contra essa tese que Adorno e Horkheimer escrevem o livro. Eles dizem que os mitos já constituíam uma primeira tentativa de apreender essa ambiguidade – de dominação e medo – na relação entre os homens e a natureza. Assim como o procedimento classificatório da razão, os mitos buscavam também fixar, explicar, através de repetição. Então, desse modo, a mitologia já era uma prática cognitiva, um desejo de se livrar desse medo da natureza. A explicação de todo acontecimento como uma repetição, como inevitável, está no princípio do mito, como também no esclarecimento que desejava justamente eliminar o mito. É contra essa ideia iluminista de que a razão, o *logos*, se opõe ao mito – uma ideia que ainda na época de Horkheimer e Adorno se refletia em diversas tendências da filosofia acadêmica-, que o livro *Dialética do Esclarecimento* se colocava.

A *dialética do esclarecimento* é, assim, uma crítica ampla da sociedade e do pensamento ocidental, uma crítica radical, que vai à raiz dos problemas, justamente por ser uma crítica da racionalidade de um tipo específico que é a racionalidade instrumental. A grande ambição do livro está em querer mostrar que a crise da civilização – tanto no plano do conhecimento quanto político social – era uma crise de um princípio racional que se perpetuou na história. Para Adorno e Horkheimer, esse princípio era a contínua dominação da natureza. Essa é uma tese fundamental do livro, que não é nada evidente, e que constitui até hoje uma das suas maiores dificuldades. A ideia é a seguinte: a mesma racionalidade que deveria, através da técnica e da cultura libertar a humanidade de seus medos, acaba provocando um retorno à mitologia e induzindo a formas ainda mais

primitivas de dominação social. Nesse sentido, os regimes autoritários do início do século XX, como o fascismo e o nazismo alemão, ou o totalitarismo soviético – mas também a cultura de massas, a indústria cultural, o antissemitismo, as formas mais diversas de violência, de racismos, de preconceitos, tudo isso, na visão de Adorno e Horkheimer, comprovaria uma recaída da humanidade em uma nova espécie de barbárie. Trata-se da hipótese de que fenômenos como o fascismo e a indústria cultural não são desvios da razão, mas, pelo contrário, resultariam de um tipo específico de racionalidade que os autores denominam de racionalidade instrumental, sintetizada no seguinte argumento: aquilo que pareceria o mais moderno, uma racionalidade técnica, fria, cuja relação com seu objeto é exclusivamente instrumental, se revelaria como o que há de mais arcaico e primitivo.

### **Esclarecimento como equivalente da racionalidade instrumental**

Para efeitos didáticos da compreensão do que vem a ser a racionalidade instrumental, cabe perguntar antes, o que Adorno e Horkheimer entendem, afinal, por **esclarecimento**. Uma definição bastante conhecida de esclarecimento foi dada pelo filósofo Immanuel Kant, em um pequeno artigo publicado em 1784, intitulado *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento* (1784). Por meio do conceito de esclarecimento Kant colocava-se contra o dogmatismo da religião, da política, mas também contra o dogmatismo da própria metafísica alemã da sua época, como a filosofia de Leibniz, que era bastante influente na Alemanha. Vale à pena citar o famoso início desse texto de Kant em que ele define o esclarecimento:

Esclarecimento é a saída do homem da sua menoridade da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outrem. O homem é o próprio culpado dessa menoridade, se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta da sua decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. (Kant, 1784).

Percebe-se, assim, que esclarecimento é um processo de emancipação de um poder tutelar, um processo destinado a fazer uso próprio, um uso seguro de seu próprio entendimento. Essa saída da menoridade, porém, não é fácil. O sujeito deve se esforçar,

segundo Kant e ter a coragem para chegar ao esclarecimento, pois é confortável, segundo ele, permanecer na menoridade, seja por preguiça ou covardia, ou seja pelas circunstâncias que limitam a liberdade, como por exemplo uma restrição colocada por um chefe, um professor, uma lei, um pastor, uma instituição, e assim por diante. Estas circunstâncias restringem o que Kant chama de uso privado da razão. Em resumo, o esclarecimento seria esse processo individual de emancipação que envolve sair do conforto e da preguiça intelectual para poder pensar com autonomia.

Vale dizer que assim como Kant, Adorno também considera o esclarecimento um processo. Acontece que para Adorno, o esclarecimento é um processo mais amplo, compreendido como a própria história da civilização ocidental. Nesse processo, a razão esclarecida transformou-se em uma racionalidade instrumental, ou seja, em técnicas de progressiva dominação da natureza, voltando-se, no limite, contra o próprio sujeito pensante. A consequência é que os indivíduos, em vez de saírem da condição de menoridade, como disse Kant, permanecem presos à essa condição. Daí a reversão do esclarecimento em seu oposto, quer dizer, a própria *dialética do esclarecimento*. Ao contrário da tradição filosófica, Adorno e Horkheimer não usam o termo esclarecimento para designar aquele período histórico entre Descartes e Kant, que hoje entendemos como Iluminismo.

Para Adorno e Horkheimer o Esclarecimento era simplesmente este conjunto de ideias que nascem no processo de desencantamento das representações míticas, mágicas ou religiosas do mundo. Eles creditam que o pensamento ocidental privilegiou um tipo específico de racionalidade, a ponto de confundirmos este tipo de racionalidade com a totalidade do conceito de razão. Lembremos o que Horkheimer havia dito com relação a teoria tradicional: esta correspondia às capacidades de abstração, de inferência e dedução, as capacidades de classificar um objeto qualquer da realidade a partir de formas gerais e universais do entendimento. Dito de maneira simples, a teoria tradicional exigia um tipo específico de racionalidade que é a mesma racionalidade instrumental. Acontece que há um preço a ser pago: a racionalidade instrumental desconsidera, segundo Horkheimer, a singularidade das coisas, as suas particularidades sensoriais e históricas; desconsidera, segundo Horkheimer tudo aquilo que não seja possível classificar nem ordenar. É um tipo de racionalidade que sempre opera do mesmo modo, independentemente do seu objeto. Então ela necessita desconsiderar complexidades individuais e particulares e para isso substitui essas particularidades pela identificação e pela abstração dos conceitos. O

pensamento classificatório se interessa pela face útil e calculável das coisas. Ele visa essa dominação prática e conceitual da realidade.

Segundo Adorno e Horkheimer, para a racionalidade instrumental não importa o conteúdo do pensamento, porque o seu funcionamento, o seu mecanismo se realiza sempre do mesmo jeito, diante de regras de dedução, de registro de fatos, de classificação e comparação. Esse mecanismo que deve valer para todo e qualquer conhecimento possível, pressupõe o modelo matemático, um modelo do formalismo lógico e esse modelo tornou-se para Adorno, uma espécie do ritual do pensamento, quer dizer, essa racionalidade instrumental exige uma separação abstrata entre sujeito do conhecimento e objeto a ser conhecido. Uma separação entre pensamento e realidade. Então, por que isso ocorre? Uma ideia central do livro *Dialética do Esclarecimento* é a de que racionalidade instrumental, que a princípio seria pura e desinteressada, na verdade resulta de uma necessidade de dominação da natureza. Por isso a história da racionalidade instrumental é a própria história da humanidade, história da dominação em sua relação com a natureza. Esclarecimento, razão e dominação seriam conceitos dependentes entre si. Se a natureza sempre foi provedora, por outro lado ela sempre foi vista como uma ameaça, seja nas intempéries, nos ataques dos animais, das doenças, etc. Por isso a natureza precisa ser controlada mediante a técnica e a ciência. O sentimento de medo desempenha um papel fundamental no conhecimento, não só da natureza.

### **Considerações finais**

O problema segundo Adorno e Horkheimer é que quando esse tipo de racionalidade não é mais acompanhada por uma reflexão crítica de seus próprios interesses, ela se converte em um tipo de pensamento orientado exclusivamente aos meios e não mais aos fins. Dito de outro modo, essa razão, uma vez instrumentalizada, se torna um fim em si mesmo, em vez de atuar como simplesmente meios de realizar os fins da humanidade que seriam a felicidade e a liberdade. Esse processo de instrumentalização que deveria livrar os homens do medo e das ameaças da natureza, impõe aos indivíduos, uma submissão, uma dominação social. Quer dizer, o controle sobre a natureza é pago com a naturalização da dominação social. Por isso, para Adorno, não é possível separar dominação da natureza e dominação social. O esclarecimento nestas condições se

converte na total mistificação das massas. Nesse entendimento, o conceito de indústria cultural é uma face, um aspecto desta mistificação, que provém do esclarecimento.

Como o livro ainda hoje tem uma recepção problemática, seja pelas teses, seja pelas descrições que parecem exageradas, seja pelo estilo por vezes enigmático, as vezes cifrado, é importante assinalar o que o livro não é. Ele não é a tentativa de escrever uma espécie de enciclopédia da história da cultura, da filosofia; ele não oferece uma narrativa única da história da razão, ou do esclarecimento, apontando uma suposta origem remota deste processo.

Como a organização do livro não é convencional, no sentido de uma escrita sistemática, de uma investigação que tentaria explorar, de maneira exaustiva, um tema específico, as vezes este livro dá a impressão de inconsistência. Mas conforme o próprio subtítulo, ele é constituído em uma série de *fragmentos filosóficos*, uma série de aforismos e ensaios que intencionalmente segue na contramão desta exigência de uma objetividade fria, de uma clareza formal de um saber filosófico. Também é importante informar que não se trata de um livro contra o esclarecimento, quer dizer, não é uma defesa do irracionalismo, nem faz uma defesa retrógrada de uma suposta idade de ouro do pensamento. Pelo contrário, Adorno e Horkheimer dizem o seguinte: se a racionalidade instrumental levaria a destruição das promessas de emancipação inscritas no esclarecimento, então é preciso pensar um outro conceito de racionalidade, sem recuar a formas míticas de conhecimento.

*Dialética do Esclarecimento* é um livro utópico, sem dúvida, mas uma utopia racionalmente construída. A afirmação de que o esclarecimento se converte na total mistificação das massas, será decisivo para a compreensão do conceito de Indústria Cultural que aparece como um dos capítulos deste livro. Devemos desde já compreender a Indústria Cultural como uma das faces do esclarecimento que se apresenta como um engodo, como uma espécie de novo mito, só que isso no contexto da cultura de massas do capitalismo tardio do século XX. Indústria Cultural seria uma configuração específica pela qual se revela hoje, a nós, a própria dominação social provocada pelo esclarecimento.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural: uma introdução**. São Paulo: Editora FGV, 2010.

DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer & A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

HORKHEIMER, Max. **Teoria tradicional e teoria crítica**. In: *Textos escolhidos - Benjamin, Horkheimer, Adorno*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1975.

HULLOT-KENTOR, Robert. Em que sentido exatamente a indústria cultural não mais existe. In: DURÃO, Fábio A.; ZUIN, Antonio; VAZ, Alexandre F. (Org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Cultrix, 1995

WIGGERSHAUS. **A Escola de Frankfurt**. - História, Desenvolvimento Teórico, Significação Política. Rio de Janeiro: Difel, 2002.